

A beleza do vulcão é a explosão

Fernando Augusto dos Santos Neto¹

A imagem do vulcão é de violência, de terror, de morte. Por isso se diz que o vulcão é agressivo, assassino, destruidor. Mas que dizer de suas entranhas, do seu estômago, do fogo que o queima por dentro? Da brasa do ventre da terra? Da úlcera em ebulição? Da força do centro? Ou, pelo outro lado, que dizer do vulcão que não explode, do vulcão reprimido, tímido que não queima, não violenta a terra, não brilha, não fere?

Este artigo pretende pensar, de certa forma, a natureza das coisas explosivas, intermitentes, erosivas. A natureza de certas coisas que nos assustam, que nos atraem e nos entortam. Pretende pensar também o pensar comum, isto é, o belo, o admirável tido como coisa pacífica, branda, encantadora, desprovida de tensão, de violência e de muitos outros substantivos pouco lisonjeiro dentro do quadro social. Nessa dáde, nasce esse texto: de um lado o sonho das tardes frescas e pacíficas, um certo não saber, do outro o olhar adentro, no escuro, a outra face da moeda, o espanto, isto é, beleza escura, a experiência estética fora da visão plácida e ligeira das coisas, o lado terrível da beleza.

Mas faço uma ressalva, não se trata de um artigo teórico, de uma tese, na qual um tema será dissecado conforme o pensamento de diferentes autores a fim de elucidar algo, mas de um pensamento apaixonado, reflexivo e arrazoado – o de estar no mundo, o de espantar se e de se queimar com as larvas do mundo.

Tenho que começar dizendo que não sei nada sobre vulcões, mas como muita gente, aprendi a admirar esse fenômeno pela qualidade e intensidade de sua manifestação. Nunca vi um vulcão em erupção, o único que visitei

foi o extinto Vesúvio em Nápole, Itália, que, no ano de 79 destruiu as cidades de Herculano e Pompéia. O desenho de sua cratera e a dimensão de sua forma lhe confere um lugar de monumento, é uma visão única. Nada que possamos fazer, nenhuma de nossas construções artísticas pode competir em intensidade e efeito de admirabilidade com esse simples ato de erupção e de explosão. Porém, não é de competição que vamos falar, mas de continuidade infinita, que ultrapassa de um plano a outro e atinge os olhos, a alma, os sentimentos. O Vesúvio, com sua histórica erupção e o seu rastro de fogo exerce um fascínio em todos os que vão visitá-lo. Trágico, desmedido, inominável ele oferece em suas cinzas petrificadas um momento de encantamento, que só a experiência estética pode encampar. Mas podemos encontrar beleza no trágico? O fato estético pode envolver cenas e fatos tão terríveis? Que relação pode haver entre formas tão díspares como uma flor, um prato de frutas maduras, a nudez de uma mulher, certos abismos colossais ou uma crucificação de Mathias Grünewald?

A contenção e o risco

O vulcão é a imagem do incontrolável, da paixão, mas também do natural. E sua beleza é a explosão. Cedo em nossas vidas aprendemos a ter medo desse tipo de ocorrência, a explosão e, cedo também aprendemos a desejá-la e a evitá-la. Sabemos que a vida em sociedade, quase sempre, é melhor vivida na contenção e na obediência às regras. Mas essa mesma organização oferece a possibilidade de pequenos escapes através de diferentes meios como os jogos, as

invenções, as viagens, os mitos, as artes, etc. Aceitamos essa condição, mas o tempo todo somos fustigados pelo destino que sopra além de nós. Para além da contenção e do medo somos capazes de tudo, de grandes momentos de ternura e de grandes barbáries.

Na contenção podemos dizer que sabemos quem somos, mas vivemos em falta, na explosão nos perdemos de nós. Na contenção buscamos a salvação, na explosão o que não conhecemos. Na contenção temos identidade, na explosão somos o que não queríamos ser e não pudemos evitar. Na contenção vemos o perigo e podemos nos proteger, na explosão, visão, perigo, proteção são tudo uma coisa só ou não têm sentido de ser. Na contenção, armazenamos medos sobre medos, alimentando o fogo que pensamos evitar, e assim, construímos discursos de paz, almejando viver mil anos; na explosão, a vida breve voa.

A vida em sociedade, é melhor vivida na contenção, sabemos disso, cada um de nós cultivamos esse valor, porque aprendemos, porque nos educamos e também nos deseducamos. Esforçamos-me para seguir esta senda e sermos felizes à sua sombra, pois é aí que encontramos nossos irmãos, nossos amigos, nossos amores. É aí que aprendemos e ensino pequenas coisas do dia-a-dia.

Mas se trago no peito o fogo ardente como me conter?

Invejo aqueles que são como pratos de frutas maduras no pé, paisagens celestiais de incansável beleza. Eles são felizes, são mensagens vivas das esperanças humanas e de nossa adversidade. Outros são para-raios do destino e, não se dão nunca por satisfeitos, não conseguem adaptar-se facilmente ao meio, acossados como são pela força da natureza. São os atormentados, os insensatos, o que não sabem desfrutar do socialismo organizado, dos óleos do cristianismo, da novela, do futebol, do baralho ou mesmo do emprego. São os apaixonados, os criadores de amores impossíveis, os que dão a tarde para viver um momento de fissura, a beleza do risco, a vitalidade sangrenta de uma nudez, o desenho de um seio pungente, a ousadia. São os artistas, os loucos, os vagabundos, os inadequados. São as

antenas da raça, não por vontade própria, mas por destino e cuja missão é viver é expressar essa dimensão humana, a dimensão do risco, do nascimento, da erupção do ventre, do reencontro com a natureza.

A explosão como expressão

O que definimos como beleza, na verdade, é o inominável. Trata-se de algo que pode se manifestar da forma mais simples ou adquirir dimensões planetárias; pode se traduzir na ocorrência de um gesto casual como também na visão ou no relato do nascimento de uma estrela. Por isso buscamos o “belo” como “o bem supremo” da vida, conforme escreve Peirce, como “o princípio e o fim de nossas ações”. Com efeito, no dia-a-dia, em diferentes ocasiões, temos a oportunidade experimentar o sentido concreto da experiência da beleza, quer a expressemos como sensação, quer como um sonoro ‘não sei’. Podemos gostar de algo porque o achamos belo, seja uma cidade, uma montanha, uma casa e, podemos tomar decisões importantes assertivos exclusivamente nesse critério, achar bonito ou belo, seja a aquisição de um objeto, seja a escolha de um lugar para morar, ou de uma pessoa a quem amar. A beleza é um critério objetivo como muitos outros, válido em si mesmo, mas diferentes desses, pois não traz qualquer justificativa ulterior. A beleza é revolucionária, escreve Lezamma Lima. Ela pode se manifestar de diferentes maneiras ou mesmo em diferentes níveis: numa primeira impressão, numa vivência passageira de uma questão, na vida toda inteira, porém o que temos de verificar é que ela é um fenômeno cuja qualidade e intensidade se dá verdadeiramente na experiência aprofundada, continuada no espaço e no tempo e exige coragem, tremor, investimento.

A harmonia que requer a beleza não é a combinação de fatos ou de formas necessariamente agradáveis, pacíficas, mas todo um conjunto de sentimentos e ideais que participam de nossa vida seja a verdade, a sinceridade, a

fragilidade, o medo, a vontade, o amor, a paixão, a dor, a morte. Por que julgamos belas algumas partes do nosso corpo e não outras? Por que eliminamos de nossa visão de mundo o suor, os cheiros ácidos, certas rugas, certos pêlos, certas dobras corpo? Será que procede dizer que a mão é mais importante que o pé, que o olho é mais importante que o estômago, que a cabeça é mais importante do que o sexo? Será esta a melhor maneira de perceber a diferença, hierarquizar? Não é o conjunto que forma o corpo? Não são os sentidos que percebem o mundo e forma o pensamento? Talvez seja por isso que a artista francesa Orlan propõe eventos artísticos operando cirurgias em seu próprio corpo, abrindo-o para mostrar que a experiência estética que ignora ou nega as vísceras, os ácidos, as tripas, os excrementos é falha e até mesmo enganosa. Somos “feitos do pó” e apodreceremos. A podridão é o fim e o começo, putrefação é fermentação, é vida.

É preciso ter a coragem de trabalhar estes sentimentos, porque o ideal apolíneo e idealizado é mutilado. A experiência do belo, em termos humanos tem que se defrontar com o dionisíaco, com o irregular, com a inadequação, com a paixão. O sombrio que nos cerca, o trágico que perpetrados não pode ser eliminado, porque somos isso, somos o que não gostaríamos de ser. Desordem e busca de ordenação. Desta matéria fazemos arte, construímos a liberdade e nos tornamos mais livres. A experiência estética é pois, um constructo no qual assumimos certos riscos que, inexoravelmente, nos revelam humanos, frágeis, desejantes, caçadores, interessados, interessantes. Podemos evitar certos sentimentos explosivos, não amar a explosão, pois ela pode matar e nenhuma estética pode se sustentar no atentado contra a vida, podemos até nos rebaixar, mas não perder de vista que a beleza do vulcão é a explosão. Como já previa Nietzsche tudo é justo e injusto e em ambos os casos está justificado. A nossa derrota é o nosso reencontro com a natureza.

Notas

- ¹ Fernando Augusto, é artista plástico, doutor em Comunicação e Semiótica pela Puc-SP, professor do Departamento de Artes Visuais da Universidade Estadual do Espírito Santo (UFES)– Vitória-Es.